

*FEMINILIDADE NO INTERIOR DO PARANÁ: A MULHER
NA SOCIEDADE PRUDENTOPOLITANTA ATRAVÉS DO
JORNAL PRÁCIA E SUA COLUNA “PARA A DONA DE CASA”
(1963-1995)*

*FEMININITY IN INLAND OF PARANÁ: THE WOMAN IN
PRUDENTOPOLITAN SOCIETY THROUGH THE JOURNAL
PRÁCIA AND HIS COLUMN “FOR THE HOUSE LADY”
(1963-1995)*

Henrique Schlumberger Vitichmichen¹

RESUMO

A imprensa ucraniano-brasileira é desde sua formação um dos aparatos mais importantes para a manutenção dos costumes e ritos ucranianos no Brasil. Entre os vários jornais veiculados por essa imprensa salientamos aqui o *Prácia* e sua trajetória. Em circulação desde 1912 o jornal foi e ainda continua sendo escrito e veiculado pela comunidade religiosa de Prudentópolis, mais especificamente a igreja católica ucraniana do rito oriental. Objetivando a manutenção dos costumes e tradições religiosas dentro da comunidade de Prudentópolis, a igreja utilizou o jornal como ferramenta de divulgação dessas condutas morais entre os habitantes, portanto a coluna intitulada “Para a dona de casa”, veiculada nos anos de 1963 a 1995, fornecia inúmeras recomendações de como a mulher dona de casa deveria se portar levando em conta sua função social dentro da comunidade em questão. Dito isso, a partir de autores como Patrick Charaudeau, Eliane Lupepsa Costenaro, Tania de Luca, Sandra Mara Tenchena, entre outros que abordem tanto questões a respeito da feminilidade e do papel da mulher na comunidade de Prudentópolis, assim como outros debates sobre a imprensa imigrante, busca-se pensar quais eram os discursos produzidos para essas mulheres através do jornal e qual seria a sua posição ideal na sociedade, levando em conta os preceitos e valores sócio religiosos da época.

Palavras-chave: *Prácia*. Ucranianos. Imprensa. Mulheres.

ABSTRACT

The Ukrainian press is since its formation one of the most important apparatus for the maintenance of the Ukrainians costumes and rites in Brazil, amongst the many newspapers served in this press we here focus on the Prácia and its trajectory. In circulation since 1912 the newspaper was and still continues to be written and served by the religious community of Prudentópolis, more specifically the cattolic Ukrainian church of the eastern rite. Focusing on the maintenance of costumes and religious traditions inside the community of Pruden-

1 Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e bolsista CAPES. Graduado em Licenciatura História pela mesma Universidade. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) eixo História. Tem experiência na área de Ciências Humanas, com ênfase em História.

tópolis, the church utilized the newspaper as a tool for the disclosure of these moral conducts amongst the population, therefore the column “Para a dona de casa”, veiculated in the years of 1963 to 1995, provided innumerable recommendations of how the housewife should behave, taking into account her social function inside the community in question. That said, we here search to analyze wích where the speeches produced for those women through the newspaper and which was their ideal position in the society, taking into account the precepts and religious and social values of the time. That said, through autors such as Patrick Charaudeau, Eliane Lupepsa Costenaro, Angelica Tania de Luca, Sandra Mara Tenchena, amongst others that deals with questions about femininity and the role of the women in the community of Prudentópolis, as well as others debates about the immigrant press, it is sought to think wích were the produced discourses for this women through the newspaper and which would be their ideal position in the society, taking into account the socio-religious precepts of the time.

Keywords: *Prácia. Ukrainians. Press. Women.*

INTRODUÇÃO

A proposta do trabalho é o de analisar os discursos formulados pela Igreja Católica Ucraniana do Rito Oriental para com as mulheres donas de casa residentes no município de Prudentópolis, através do jornal *Prácia* e sua coluna “Para a dona de casa” (1963-1995). A pesquisa leva em conta trabalhos essenciais para o entendimento, tanto da questão imigracionista (aspecto esse fundamental para compreendermos a imprensa ucraniana e o advento do periódico), como a manutenção do impresso pela igreja, analisando assim os discursos e valores religiosos que estão ainda hoje imbuídos, tanto em suas páginas, como em parte da comunidade ucraniano-brasileira.

Apesar de pouco explorada, a imprensa ucraniano-brasileira nos fornece uma quantidade substancial de fontes e informações que, não apenas possibilitam a pesquisa historiográfica, mas também permitem um melhor entendimento de conjunturas de época. A imigração ucraniana, formação e trajetória dessa imprensa imigrante, o assentamento em terras brasileiras, e, também, uma melhor compreensão de ritos, costumes, e saberes que ainda se encontram presentes na comunidade, são algumas das possibilidades levantadas em torno do assunto.

Sobre as análises de mídia, a partir dos escritos de Charaudeau (2019), o autor esclarece que os discursos são permeados de representações de mundo, e que estes por sua vez são formulados de acordo com interesses específicos do grupo dirigente, os quais perpassam lógicas simbólicas, econômicas e discursivas. Vê-se que, no caso da imprensa ucraniano-brasileira, o grupo responsável atuou em um sentido mediador para a manutenção dos costumes ucranianos através da coluna, e, por meio de perspectivas de poder, buscou se legitimar perante a comunidade local, através das mediações e circulação de ideias, pois, como postula Chartier (1991, p. 183):

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma.

1 A IMPRENSA UCRANIANO-BRASILEIRA

A partir do final do século XIX, com a promulgação da Lei Áurea e a abolição da escravatura, o governo imperial começou uma forte política para arrecadação de mão de obra imigrante. Dessa forma, propagandas que prometiam boa qualidade de vida eram dirigidas a outros países, incentivando a travessia, fortalecendo a mão de obra no território brasileiro, e objetivando o branqueamento populacional que ia ao encontro das teses eugênicas da época. Os rutenos², quando chegaram ao Brasil, se assentaram em diferentes lugares, grande parte dessa leva de pessoas permaneceu na região que ficaria conhecida como Prudentópolis, a “Ucrânia brasileira”, como é muitas vezes chamada. No local, as pessoas encontraram tanto dificuldades físicas de assentamento (como as terras improdutivas e cercadas por matas fechadas) como idiomáticas e de caráter cultural, devido à distância e falta de contato com seus ritos e costumes próprios:

Os rutenos que vieram ao Brasil no final do século XIX eram então uma população quase totalmente composta de camponeses analfabetos, alijada da educação e sem participação na vida administrativa local; com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com ideias que extrapolassem suas vivências cotidianas na aldeia (GUÉRIOS, 2012, p 37).

Aos imigrantes que aqui chegaram, inicialmente os sujeitos (e não apenas os de origem ucraniana) foram levados pelas autoridades governamentais até a Ilha das Flores³, localizada no atual Estado do Rio de Janeiro. Após um período em que aguardavam suas respectivas destinações aos lo-

2 Denominação dada pelo Império Austro-húngaro aos habitantes da região da Galícia, de onde saíram a maioria dos imigrantes.

3 A Ilha das Flores se constituiu como ponto de parada para uma larga gama de imigrantes de países diversos, em seu período de assentamento era comum surtos de doenças entre os sujeitos, o que inclusive causava eventuais mortes, essas ocorridas justamente em decorrência do grande número de pessoas concentradas e do alto grau de insalubridade da região.

cais cedidos, eles seriam alocados pelas autoridades as terras destinadas, cabendo tais lotes aos cuidados dos recém-chegados, dessa forma: “O destino do imigrante deve ser o cumprimento de seu contrato, ou seja, explorar com sua família um lote colonial, fim último da colonização” (TRINDADE, 2004, p. 47).

Quando, gradativamente chegavam ao local, as famílias não passariam apenas por um período de dificuldades materiais, que incluiriam entre outras coisas o processo de subsistência apresentado pela fome, mas também sentiriam um distanciamento de seu universo cultural deixado além-mar⁴. Sobre isso é necessário frisar que, sob uma perspectiva tanto dos processos imigracionistas, também como sob a ótica de uma história cultural e da formação das identidades, compreende-se que, quando de um ato de imigração, ou seja, de alocação do sujeito de seu local de nascença, crescimento e sociabilidades adquiridas, o imigrante não está munido em sua jornada apenas de uma bagagem material, mas leva consigo todo um arcabouço cultural previamente adquirido.

Apesar da presença cultural entre os sujeitos, a necessidade de se manter em contato com uma realidade, ou imaginário ritualístico/religioso mais próximo a eles, seria uma constante entre a comunidade nos anos iniciais da colonização.

A partir dessa carência cultural, vivenciada pelos imigrantes, foi requisitada pelos colonos a vinda de missionários e padres ao Brasil. Desse modo, os religiosos ficariam a cargo da educação e serviriam como uma espécie de fio condutor entre os moradores e as tradições ucranianas. Acerca da presença religiosa entre os ucranianos, Batista e Martins (2013, p. 53) sintetizam bem a questão, quando ressaltam que:

A religião é essencial para o povo ucraniano visto que evidencia sua cultura e para eles manter a sua devoção é fazer com que perpetuem sua língua, costumes e até mesmo a união de seus descendentes. Haja vista, que também é uma maneira de reformular a sociedade. Os primeiros ucranianos a chegarem ao Brasil, tiveram que se reorganizar e se unir para trazer os padres para suas colônias. Dessa forma, a estrutura das comunidades foi se moldando à medida que ia se restabelecendo a doutrina religiosa.

Esses missionários que aqui chegaram entre outros feitos iniciaram o processo de criação da imprensa ucraniano-brasileira. Entre seus

4 Compreendemos, no entanto, que, durante processos migratórios, além de uma bagagem material, os sujeitos imigrantes trazem consigo todo um arcabouço imaterial, conjuntamente.

objetivos, ela deveria alfabetizar e catequizar os colonos, mantendo-os em contato com as tradições de sua terra natal, para isso em 1907 foi criado o primeiro jornal representante, com sede em Curitiba nascia o *Zoriá*⁵.

Em meio a intrigas e atritos entre membros da igreja e da *Intelligentsia*⁶ os jornais inicialmente passariam por um período turbulento que só se encerraria em 1912 com a criação do periódico aqui em análise. Redigido e publicado inteiramente pela igreja, o jornal *Prácia* contava com sede não mais na cidade de Curitiba, mas em Prudentópolis, o que daria ampla visibilidade e acesso à sua leitura por parte da comunidade.

Sobre as disputas entre a *Intelligentsia* ucraniana e a igreja (estas que foram uma das principais causas para o declínio do *Zoriá*) podemos brevemente discorrer que os projetos políticos de ambos para com as colônias ucranianas (embora conciliados brevemente em anos iniciais) passaram a divergir radicalmente em períodos vindouros, principalmente após a atuação de Petró Karmans’kei a frente do *Prácia*⁷. Ao contrário do que os clérigos premeditavam para o periódico, Karmans’kei buscou utilizá-lo como uma ponte entre seus interesses nacionalistas⁸ e a comunidade ucraniana concentrada no Brasil, dessa forma procurando reacender o espírito combativo das pessoas para com a causa ucraniana e ainda garantir apoio brasileiro para com o cenário de seu país de origem.

Quando percebe-se as irreparáveis visões entre o redator e o grupo religioso dirigente, os últimos tratam logo de afastá-lo das funções do jornal e assim retomar as rédeas da redação. Grosso modo, seria a partir dos anos 30 (quando Karmans’kei é afastado) que a igreja definitivamente iria alçar o impresso à um posto de mediação entre o grupo eclesiástico e a sociedade. Sendo assim, obstando as fragilizadas atuações da *intelligentsia* a partir disso, os religiosos passariam a adotar uma postura hegemônica dentro da colônia de Prudentópolis.

Considera-se a discussão acima relevante ao passo que ela nos possibilita melhor compreender tanto a hegemonia discursiva da igreja em Prudentópolis, e sobretudo em seu papel de protagonista frente ao *Prácia* e

5 Em tradução livre significa “Estrela”.

6 Grupos de intelectuais atuantes na Ucrânia, Rússia e Polônia no século XIX.

7 Karmans’kei era membro do Conselho Ucraniano Nacional da Galícia, instituição ucraniana que buscava a independência da região ucraniana. Após ser enviado ao Brasil pelo Conselho e com o tempo construir boas relações com os padres locais, ele seria convidado a assumir a redação do jornal em 1923, onde ficaria até meados de 1924, quando seria afastado da direção.

8 O nacionalismo ucraniano se origina em meados do século XIX através de clubes de leitura e da atuação da *intelligentsia* que buscava nesse contexto a mobilização social em torno de um discurso nacional formulado através da leitura e erudição.

suas representações, estas que perpassam grande parte de sua trajetória e podem ser exemplificadas através da circulação da coluna “para a dona de casa”.

2 O JORNAL *PRÁCIA*

Sendo um jornal centenário, o *Prácia* age como símbolo cultural tanto para a comunidade local, como para a presença e consolidação da imprensa ucraniano-brasileira, tendo também leitores em outros países, como Estados Unidos e Canadá. Pertencendo ao dia a dia de Prudentópolis, e sendo parte do cotidiano de muitas pessoas, ele se mostra atualmente como um agente cultural que promove a manutenção dos valores e da cultura ucraniana local, o que pode ser observado através, por exemplo, da coluna *Do mundo*, que, apesar de também levar notícias globais aos colonos, muitas vezes possui um enfoque acentuado na região da Ucrânia:

[...] a aceitação e a leitura do *Prácia* acabaram se tornando uma prática entre os colonos da região, que viam o jornal como um meio de informação e de interação entre os membros da comunidade, que discutiam e comentavam entre si as notícias do jornal, e também com familiares e amigos que ficaram na Ucrânia, tendo em vista que o jornal preocupava-se em trazer o máximo possível de informações do país de origem dos imigrantes (PRADO, 2018, p 92-93).

Como já mencionamos anteriormente, no período predecessor ao *Prácia* foram redigidos outros periódicos. Seus antecessores eram o *Zoriá* (comandado pela *intelligentsia* e veiculado de 1907 a 1910) e o *Prápor*⁹ (redigido exclusivamente pela igreja e tendo sua circulação feita nos anos de 1910 e 1911), quando se encerrou, principalmente devido a atritos com a própria imprensa brasileira. Ambos eram produzidos na cidade de Curitiba, circulando pela capital, mas não estando necessariamente limitada a ela. Foi apenas com o *Prácia*, porém, que a sede do jornal se deslocou para Prudentópolis, onde permanece na atualidade.

Atualmente, conta-se com uma periodicidade quinzenal e que tem como proposta, não apenas a divulgação de eventos religiosos da comunidade, mas também busca o mantimento de raízes ucranianas no seio social, constantemente buscando o reconhecimento e o orgulho de seus leitores para com o passado da imigração e as dificuldades encontradas no Brasil. O sentimento de pertença à Ucrânia portanto, com notícias cotidianas sobre a situação do país e o ufanismo diante do passado remoto

9 Em sua tradução literal significa “Estandarte”.

são recorrentes em suas páginas, o que pode ser percebido inclusive a partir de seu próprio nome, que em tradução literal significa trabalho.

Percebe-se a tentativa do impresso de se criar uma memória social em cima da imigração, do sacrifício feito pelos primeiros colonos e pelo duro trabalho realizado por eles. Sobre a presença religiosa no município, que auxilia nesses processos comentados, Oksana Boruszenko (1969, p. 423) nos ensina que:

Nesta fase a Igreja teve importante papel na conservação das suas tradições. Em uma segunda etapa da imigração ucraniana, melhoraram as condições de manutenção e reavivamento das tradições culturais ucranianas. À vinda de imigrantes de nível de instrução mais avançada que atuaram neste sentido, propiciou o início de um movimento para a sobrevivência da identidade dos ucranianos.

A religiosidade permeia o jornal e a vida cotidiana dos moradores, em seus mais rotineiros afazeres existe a presença religiosa, assim como todo um simbolismo em torno de atividades e/ou objetos. Esses ritos, que para pessoas não pertencentes ou não conhecedoras da comunidade ucraniana podem parecer curiosos e diferentes, para os habitantes da cidade são questões consideradas imprescindíveis, citamos como exemplo a tradição de benzimento:

A etnicidade está relacionada, portanto, com processos sociais, nos quais podem ser excluídos ou incorporados princípios que irão favorecer a elaboração de significados simbólicos, no caso de uma identidade tanto coletiva como individual. Em Prudentópolis, a vivência de um universo simbólico norteado pela dimensão da religião e das tradições ajuda as pessoas a manter suas emoções e a expressar um estilo de vida a partir de signos e valores que são ritualizados de forma individual ou coletiva [...] A proposição, portanto, é que o significado do ritual do dia a dia é expresso pela reelaboração simbólica do universo regido por tradições que, do ponto de vista da população, é singular de Prudentópolis (TENCHENA, 2010, p 08).

Os ucranianos consideram os recursos naturais como um presente divino, algo sagrado e que assim sendo deve ser reconhecido como tal, o ato de benzer flores, plantas, madeiras, alimentos, entre outras coisas, pode ser entendido como uma tradição que ganha força com a imigração ao Brasil, quando esses recursos eram tão preciosos para os primeiros co-

lonos. Porém esses mesmos aspectos ritualísticos já existiam em períodos anteriores na própria Ucrânia, um exemplo disso é o chamado *Diduch*, um feixe de trigo fruto da primeira colheita do ano que é reservado para as comemorações natalinas e colocado nessa data em um ponto de destaque da casa da família. O gesto ao mesmo tempo que simboliza os antepassados familiares, também é uma espécie de agradecimento à produção frutífera.

Além destes têm-se outros casos, como a tradicional Páscoa ucraniana, a qual é precedida por uma série de ritos que envolvem fortemente a presença religiosa. A tradicional bênção dos ramos e das cestas dos alimentos que serão consumidos são um indício da religiosidade ucraniana. Afora isso, outro aspecto destacado por Skavronski (2015, p. 101) nessa tradição seria a presença das *Pêssankas*, acerca disso de acordo com a autora:

No Sábado Santo, como os fiéis o denominam, as famílias descendentes de ucranianos preparam os alimentos que serão consumidos na manhã do Domingo de Páscoa. Esses alimentos, arrumados em cestas geralmente ornamentadas com flores e *pêssankas* são cobertas com toalhas bordadas com a saudação na língua ucraniana: *Xrestós Voskrés* – Cristo Ressuscitou, representando o significado dessa festa cristã.

Salvo nos espaços externos, a religiosidade está presente também dentro das casas dos moradores, agindo como uma espécie de guia para os aspectos familiares, o papel social de cada membro dessa família, e até mesmo de disposição e organização dos móveis da casa, e é devido a essas questões que surge em 1963 a coluna “para a dona de casa”. Essa coluna, que circulou até 1995, fornecia inúmeras “dicas” para a dona de casa, as quais variavam desde aspectos comportamentais em sociedade, disposição e organização da casa e seus móveis, deveres da mulher para com seus filhos e maridos, normas de etiqueta a mesa, receitas culinárias, entre outras:

Por meio dos “conselhos” da coluna “Para a dona de casa” é possível apreender como as donas de casa da comunidade ucraniana deveriam conduzir os assuntos domésticos, especialmente quando cozinhavam, levando em conta, por exemplo, os preceitos religiosos quanto à dieta a ser seguida na quaresma (COSTENARO, 2013, p 04).

Dito isso, antes de um trabalho unicamente a respeito do material analisado, visando a pretensão de pesquisa de uma fonte impressa, localizada especialmente em um contexto delimitado e em uma comuni-

dade específica, é necessário abrir o debate acerca da própria concepção do historiador para com os estudos dos jornais e da imprensa como um todo. Nesse sentido faz-se relevante uma breve discussão *a priori* sobre a utilização desses materiais dentro do trabalho historiográfico, assim como a atenção para alguns preceitos e cuidados metodológicos que devem ser mentalizados para o melhor andamento das pesquisas que levem tais fontes em conta.

3 O JORNAL COMO FONTE

O jornal como objeto de estudo e análise para o historiador é algo recente e nos permite compreender como o universo social e simbólico é interpretado e mediado por esses discursos de mídia e suas lógicas simbólicas:

trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido. Não deixa de ser paradoxal, no final das contas, que seja essa lógica que governe as demais (CHARAUDEAU, 2019, p. 16).

A apropriação de elementos discursivos presentes nas mídias busca a reinterpretação do mundo a partir de sua própria ótica, elas almejam não necessariamente ser um reflexo exato de seu tempo, mas atender a uma determinada posição no mundo, semeando seus próprios ideais e representações do real, levando em conta seus interesses, posições e valores:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2019, p. 20).

Segundo Tânia de Luca (2008) foi em meados da década de 1970 que esses materiais impressos começaram a ser concebidos pela historiografia como uma possível fonte para seus trabalhos. Ainda que com um começo tímido dentro da área, seus usos foram gradativamente ampliando seu escopo, o que também pode ser relacionado com a própria difusão da imprensa em cenário nacional.

A respeito de sua relação com o ofício do historiador, a autora resalta que: “Reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa” (LUCA, 2008, p. 111).

Nessa esteira de compreensão, observando uma ampliação do jornal como material histórico, deve-se ter em mente um contexto mais ampliado sobre como a escrita da história era vista durante boa parte do século XIX e meados do XX. O fetichismo documental que imperava através da história ciência positivista e de certa forma também pela escola metódica¹⁰ tenderia até este momento a encarar apenas os documentos oficiais e escritos como algo digno de comprovação e atestação para o trabalho do historiador, nesse sentido pensando mais em resgatar o fato histórico do que outras possibilidades, de acordo com Dosse (2013, p. 60):

Essa perspectiva se traduz, no plano filosófico, no projeto positivista de Auguste Comte de uma árvore do conhecimento bem estruturada e hierarquizada que pretende atribuir à história um objetivo científico na pesquisa das leis que presidem o desenvolvimento da espécie humana.

Além disso o método histórico surgido durante o século XIX, juntamente com a profissionalização do historiador, inaugura uma série de preceitos que naquele momento e adiante para alguma vertentes tinham como principal foco a recuperação do acontecimento tal qual o mesmo ocorreu, dentro dessa perspectiva o critério das fontes seria da mesma forma selecionado para abarcar predominantemente os documentos e textos que se aproximassem de uma história oficial, sendo assim “O acontecimento propriamente é o objeto específico da investigação histórica incumbida de sua veracidade” (DOSSE, p. 41).

Em contraposição a tais visões elencadas, a posterior “História Problema”, inaugurada com a escola dos *Annales* e seus dois grandes expoentes, Lucien Febvre e Marc Bloch, irá questionar a “tirania do fato”, passando a dar lugar à problematização documental e uma ampliação da história social, assim como das fontes utilizadas para os estudos. Nessa perspectiva têm-se que: “Essa ‘história-problema’” como tentativa de análise se opõe a

¹⁰ A escola metódica, originada no século XIX, teve como seus maiores expoentes os professores Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Essa escola, organizada em torno da *Revue Historique*, originada em 1876, apontaria para a formulação e utilização de um método histórico específico para análise dos fatos e a compreensão dos acontecimentos históricos por parte de seus estudiosos.

história automática dos metódicos, registro passivo e ilusão de reprodução do passado. Os fatos não são dados, eles são construídos pelo historiador” (DOSSE, p. 68).

Para Bloch e Febvre, a ampliação das fontes por parte do historiador possibilitaria de mesma forma o alargamento da compreensão e problemática da história em um âmbito social, eliminando possíveis preconceitos e olhares limitados do pesquisador para com seu objeto de estudo:

O historiador portanto procura menos informações factuais [...] no estudo desses testemunhos involuntários do que materiais para estudar os modos de viver ou de pensar peculiares das épocas em que eles foram produzidos. Essa capacidade do historiador em fazer falar, mesmo contra sua vontade, essas fontes, dependem da direção dada à investigação histórica, do questionamento histórico que deve permanecer maleável e aberto a todas as surpresas. Graças a essa noção de depoimentos involuntários, o registro documental da história torna-se quase infinito (DOSSE, p. 71).

Apesar no entanto dessa ampliação de fontes, Tania de Luca (2008) alerta para que mesmo com essas condições, a imprensa ainda ter continuado em um lugar marginalizado devido ao entendimento de que estes documentos seriam muitas vezes cercados de interesses particulares e subjetividades de estudo, sendo encaradas como não confiáveis. A gradativa utilização desses recursos deve portanto ser compreendida conjuntamente com as discussões e alterações dentro do próprio campo historiográfico e suas problemáticas.

Sobre alguns cuidados e aspectos metodológicos que devem ser levados em conta quando das análises jornalísticas e de materiais impressos, deve-se pensar em especial alguns pressupostos tanto com relação a materialidade da fonte, sua disponibilidade e acessibilidade por parte do historiador, e não menos importante, a realização de uma crítica documental criteriosa e apurada, por conseguinte: “É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” (DE LUCA, 2008, p. 132).

Além disso, contando com os processos de estudo das fontes e análise das mesmas, pensa-se a compreensão de seus discursos como vinculados a determinados grupos, valores, interesses e contextos específicos, sendo assim portanto a crítica documental uma etapa valiosa para o historiador, pois: Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do

que foi escolhido e por quê (DE LUCA, 2008, p. 132).

Tomando as discussões a respeito da utilização dos jornais como material de pesquisa, e ainda ressaltando alguns preceitos e cuidados metodológicos que devemos ter em mente para a manipulação e análise, é relevante reforçar os procedimentos acima citados para o trabalho com o jornal *Prácia* (gerenciado por um grupo religioso, representante da imprensa ucraniano-brasileira em Prudentópolis) e sua coluna “Para a dona de casa”.

4 A COLUNA “PARA A DONA DE CASA”

Os principais apoiadores do jornal continuam sendo os padres basilianos (ligados à Ordem de São Basílio Magno – OSBM), de Prudentópolis. A partir da coluna, o grupo deixava claro, à época, a ideia que apresentavam da mulher e de como ela deveria se comportar frente a sociedade e suas obrigações. Toda a questão identitária feminina dentro do município era portanto para o jornal responsabilidade também da igreja, atuando como um guia moral e religioso para as pessoas; essa religiosidade local deveria através de seus preceitos encaminhar a ordem e o bem estar social.

De acordo Costenaro (2013), quando a coluna veio ao prelo, não existiam outras formas de comunicação para com as mulheres ou com as “funções femininas” dentro da cidade, programas de rádio não circulavam e os livros de culinária eram muito pouco acessíveis. Sendo assim, a coluna oferecia esse conteúdo secundariamente aos assuntos principais do *Prácia*. Uma das questões tratadas recorrentemente, por exemplo, era a das receitas culinárias, levando em conta, não só a diversidade de alimentos e a disponibilidade destes, mas respeitando também as datas religiosas, o simbolismo cultural, e pratos típicos ucranianos:

A origem das receitas e conselhos era variada. Chegavam ao jornal por meio de cartas das leitoras ou eram extraídas de fontes diversas como livros e revistas impressos, cadernos e coleções de receitas mantidas pelas mulheres da cidade. Entre as receitas divulgadas na coluna havia variações no modo de preparar alguns dos pratos mais conhecidos da cozinha ucraniana como Borsh – sopa de beterraba, Holuptis – charutos de folhas de repolho recheados com arroz e carne moída, Babka – pão doce, Varêneke – pastel feito com massa cozida que recebe diferentes recheios, Mediunek – bolo de mel, Palanetcha – bolo redondo e achatado, Krezhivke – repolho azedo, Kolach – pão natalino, entre outras (COSTENARO, 2013, p 04).

Conselhos para com o modo adequado de se vestir eram tratados, sendo que aos olhos da igreja a figura materna e de dona de casa era fundamental, pois seria essa mulher a responsável pela criação das novas gerações, pela família, pelo lar e pela qualidade de vida doméstica e religiosa de seus filhos. Logo, ela não poderia se vestir de modo considerado inadequado, portanto uma série de normativas regiam todo o comportamento feminino também no vestuário, levando em conta os símbolos ucranianos e preceitos estabelecidos:

Frequentemente as senhoras, principalmente das cidades enfrentam problemas com a moda, pois não tem como dizem, com o que aparecer entre o povo. É preciso achar as cores fortes tais como: azul escuro, cinza, toda coloração sem (marrom brilhante), cor de bronze, preto ou branco. Novamente tomem precaução com roupas baratas de cor: verde, laranjada e cor de rosa. É sinal de que são roupas velhas. Também não comprem para as crianças roupas com cores muito gritantes, pois isso cai mal no crescimento psíquico da criança, perante sua dignidade e ousadia. Também não é necessário usar calçados da moda. A nossa elegância particular revela-se pela forma de falar, de comer, de cumprimentar, de sorrir – que seja uma conformidade com uma mulher de vida cristã e para isso, não precisa entregar dinheiro. (Jornal *Prácia*, 24/06/1965 apud COSTENARO, 2013, p. 05).

Como discurremos anteriormente, a questão do ufanismo para com a Ucrânia é uma questão constante na trajetória desses imigrantes e seus descendentes na cidade de Prudentópolis, o idioma ucraniano permanece até os dias de hoje sendo preservado sobretudo pelos religiosos na comunidade do município, onde principalmente no interior ainda é falado muitas vezes antes que o próprio português, e recorrentemente é tratado como primeira língua.

Essa questão idiomática está presente inclusive na imprensa ucraniana. Do *Zoriá* ao *Prácia*, passando por jornais de outras cidades, como o *Chliborob* em Curitiba, o idioma se fazia sempre presente (o *Prácia* e o *Chliborob* por exemplo passaram a dividir espaço com o português somente a partir da década de 90).

Acerca da presença idiomática, é necessário compreender ainda que, destarte o fator de o ucraniano atuar também como um mecanismo de sobrevivência dentro da comunidade, principalmente em seus anos ini-

ciais, a língua de um povo não deve ser percebida apenas como um mecanismo de transmissão de ideias e pensamentos, e sim também como uma maneira de assimilação de mundo. Obstante, percebemos que a falta dessa questão na comunidade pode deslocar o indivíduo de toda uma concepção de mundo formulada previamente através de certos códigos sociais e culturais que perpassam o idioma.

Além de exemplificar a manutenção recorrente e a presença da língua ucraniana na comunidade, o simbolismo de uma imprensa exclusivamente em ucraniano também pode nos levar a um outro ponto, seria a exclusividade de certas práticas apenas para ucranianos e seus descendentes, já que para um membro de fora da comunidade a leitura desses materiais se daria de forma muito mais custosa. Percebe-se com isso a questão linguística frequente na coluna “Para a dona de casa” como um mecanismo de incentivo ao uso do idioma dentro de casa, assim mantendo a tradição viva entre seus filhos e futuras gerações.

A organização do lar também seguia preceitos religiosos, buscava-se o mantimento de uma boa imagem cristã e de respeito aos ritos praticados. Embora as dicas de organização e higiene doméstica fossem focadas principalmente nas mulheres, levavam em conta também as crianças da casa, as quais por sua vez deveriam se portar como tal e cumprir seu papel social:

É preciso que as nossas donas de casa cuidem de suas casas para que se torne agradável entrar nelas. Além de uma boa limpeza é preciso ter bom gosto ao enfeitar as paredes da casa. Por isso vou passar algumas dicas de como pendurar os quadros em sua casa: quadros com imagens de Deus, de Jesus e de algum Santo devem ser grandes e devem ser pendurados acima de todos os demais quadros ou fotos. Deus é o todo grandioso por isso merece o primeiro lugar. Nenhum outro quadro deve ser pendurado acima das cones. A disposição dos quadros de Santos deve obedecer a uma ordem. No centro deve estar colocado o quadro de Deus Pai ou da Santíssima Trindade. Se não tiver nem um dos dois então coloque de Cristo crucificado ou de Jesus Cristo. Do lado da mão direita coloque a Imaculada Virgem Maria. Há casas que tem no centro o quadro do Sagrado Coração de Jesus e Maria. É um bom costume e deve continuar [...] Arranje para que tanto na sala quanto no quarto estejam presentes ícones de Jesus, Maria e algum santo. No dormitório deve estar pendurado o quadro da Sagrada Família e nos quartos de criança colocar perto da cama Jesus Menino ou Anjo da Guarda. Porém, as crianças devem rezar diante do ícone de Maria e Jesus. É bom também colocar uma cruz

no dormitório. Abaixo dos ícones de Santos coloque os diplomas de Primeira Comunhão, do Movimento Eucarístico, da Congregação Mariana, do Apostolado de Oração. Todos devem estar em molduras com vidro [...] é muito agradável olhar o passado através das fotos e recordar as tradições. Por isso preservemos esta linda tradição [...] em nossos lares ucranianos deve estar presente o bordado ucraniano [...] as escritas devem ser feitas em língua ucraniana. Desta forma as donas de casa devem visitar as demais casas para melhor conhecer e melhor enfeitar a sua. Desta forma será mais agradável tanto para seus familiares quanto para algum estrangeiro acomodar-se nesta casa. (Jornal *Prácia*, 23/01/1964, p. 6 apud COSTENARO, p. 06).

A preocupação com a higiene a mesa também era recorrente, textos da própria igreja ou em formato de carta de leitores aconselhariam regularmente a mãe e outros familiares a manterem as mãos e utensílios limpos para a refeição. Lavar as louças e manter o ambiente privado agradável seria tanto para os moradores, quanto para outros membros da comunidade, uma forma de sociabilidade e bom comportamento em convivência comunitária.

Percebendo a pluralidade de sentidos e concepções sobre o conceito de feminilidade e o papel das mulheres no ambiente social a partir de diferentes épocas e grupos sociais, também como as questões organizacionais da sociedade em que a mulher se insere, pode-se pensar como nos fala a professora Ainda Novelino (1998, p. 19) que “As imagens de mulher mudam (assim como as mulheres) a cada época, seguindo os movimentos e os ritmos do tecido social”. Observa-se portanto para o artigo apresentado, a feminilidade como ela seria pensada a partir dos valores religiosos manifestados pelo grupo responsável pelo jornal *Prácia*, e compreendido dentro do período em que a coluna seria veiculada.

Fica-nos claro a partir dos textos e discursos aqui percorridos, como eram percebidas as mulheres dentro de uma concepção religiosa do grupo dirigente do jornal, alguns de seus leitores que porventura poderiam contribuir com seus textos, e ainda como esses sujeitos deveriam se portar em espaços públicos e privados. Desse modo a própria percepção dessas pessoas a respeito de seus corpos e papel na comunidade seria de certa forma influenciado pelos discursos do impresso, estes que como já discurremos são produzidos em um determinado contexto e para determinados leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que aqui foi exposto, pode-se pensar como a identidade feminina e o papel da mulher era visto na cidade de Prudentópolis através do jornal *Prácia* e sua coluna “Para a dona de casa” entre os anos de 1963 a 1995. Para análise dos materiais, deve-se levar em conta, não apenas o periódico em si, mas também seus objetivos implícitos, ou seja, os mecanismos mediadores utilizados por seu grupo dirigente. Com isso, averiguamos que o *Prácia* é um jornal comandado desde seu surgimento em 1912 pela igreja, mais especificamente pelos padres basilianos. Logo, é imprescindível notar que suas atividades, assim como outros, são fruto de um contexto, valores, e uma moral específica, nesse caso, a moral religiosa ucraniana.

Mais além, também utilizamos uma abordagem contextual, que se faz necessária para uma melhor compreensão da imigração ucraniana e seus diversos ritos e costumes, estes que são constantemente transpostos através das páginas do jornal. As particularidades da imigração, do assentamento dessas pessoas em território desconhecido, as suas dificuldades, e a formação e trajetória de toda uma imprensa ucraniano-brasileira pautada principalmente por um caráter religioso, e pela manutenção constante de seus ritos, costumes, e cultura, consta como algo relevante para o entendimento das fontes e por conseguinte do papel das mulheres no seio social.

Também é interessante pensar que o papel e a inserção das mulheres, tanto nas dinâmicas de assentamento como posteriormente na comunidade ucraniano-brasileira não necessariamente generaliza os demais processos de imigração, pois: Há muitos processos imigratórios e é necessário considerar a história de cada um e a sua recepção no país de chegada” (MOUNTIAN; ROSA, 2015, p. 152). De mesmo modo, as análises a respeito do papel das mulheres em uma dada comunidade pode perpassar diferentes metodologias.

As discussões a respeito dos espaços de poder levantadas por Foucault por exemplo, ou os diálogos interdisciplinares para com outras áreas, podem se mostrar frutíferas para a ampliação dessas visões. Tendo isso em mente, a singela contribuição desse trabalho se revela na medida que buscamos alargar a discussão para as concepções de feminilidade e do papel desses sujeitos históricos dentro de um local em particular e de um determinado período em específico, tendo em mente as peculiaridades da comunidade ucraniano-brasileira de Prudentópolis.

Os textos veiculados pelo *Prácia*, assim agiram como guias para a comunidade local. Através deles podemos ter contato com diferentes mecanismos identitários que permeiam a comunidade ucraniano-brasileira e se fazem imprescindíveis para a manutenção de seus costumes, religiosidade,

ritos e cultura. Através dos textos “para dona de casa” reitera-se o cuidado e atenção dada pela Igreja aos aspectos discutidos; também é relevante perceber o papel social das mulheres naquela época e quais seus deveres para com a religião, comunidade e família, levando em conta sua posição de mantenedora cultural, matriarca, dona de casa e a responsável pela manutenção dos costumes no ambiente doméstico.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Marinalva dos Reis; MARTINS, Bruna Morante Lacerda. *A religiosidade dos ucranianos na cidade de Mamborê – Paraná*. In: Anais do II Simpósio de estudos urbanos, a dinâmica das cidades e a produção do espaço. 2013, Campo Mourão: Unespar, 2013. p. 1 - 19.
- BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. In: *Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, 1967, Porto Alegre. Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Colonização e migração. São Paulo: [FFCL]-USP, p. 423-439, 1969.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2 ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av.* São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Apr. 1991.
- COSTENARO, Eliane C. Lupepsa. Cotidiano e religião: leituras femininas de uma coluna de jornal – Prudentópolis - PR, 1964 – 1969. *VI Congresso Internacional de História*. Irati, p. 01-12, 2013.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 111-153.
- DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. *A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião*. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- MOUNTIAN, Ilana; Rosa Miriam Debieux. O outro: análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 26, n. 2, p.152-160, 2015.
- NOVELINO, Aida. Feminilidade: um perfil cultural. *Tóp. Educ.* Recife, v. 16, n. 1-3, p. 19-31, 1998.
- PRADO, Anderson. *Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

- SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. *Rezar e benzer: Rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2015.
- TENCHENA, Sandra Mara. Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião. *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*. São Paulo, n. 14, janeiro/abril 2010.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Reconstituindo o além-mar: o papel da mulher imigrante na manutenção das tradições étnicas. In: PIERONI, Geraldo; DENIPOTI, Cláudio. *Saberes brasileiros: Ensaio sobre identidades – séculos XVI a XX*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 45-74.

Recebido em 01/07/2021
Aprovado em 07/01/2022